

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL  
ESPECIALIZAÇÃO EM AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA E  
EDUCAÇÃO DO CAMPO – RESIDÊNCIA AGRÁRIA**

**A ATUAÇÃO DA BRIGADA DA VIA CAMPESINA  
BRASILEIRA NO HAITI: DIÁLOGO COM OS  
MÉTODOS DO PROGRAMA DE ATES NO RS**

**ARTIGO**

**José Luis Rodrigues**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2015**

# **A ATUAÇÃO DA BRIGADA DA VIA CAMPESINA BRASILEIRA NO HAITI: DIÁLOGO COM OS MÉTODOS DO PROGRAMA DE ATES NO RS**

**José Luis Rodrigues**

Artigo de conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós Graduação em Agricultura Familiar Camponesas e Educação do Campo – Residência Agrária da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul ( UFSM- RS), como requisito parcial para obtenção de grau de **Especialista em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo**.

**Orientador: Prof. Dr. José Marcos Froehlich**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2015**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Rurais  
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova o Artigo da Especialização

**A ATUAÇÃO DA BRIGADA DA VIA CAMPESINA BRASILEIRA  
NO HAITI: DIÁLOGO COM OS MÉTODOS DO PROGRAMA DE  
ATES NO RS**

Elaborado por  
**José Luis Rodrigues**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Agricultura Familiar e Educação do campo**

**Comissão examinadora**

  
JOSE MARCOS FROEHLICH

  
VIVIEN DIESEL

  
ALISSON VICENTE ZARNOTT

**Santa Maria, RS, Brasil  
2015**

# A ATUAÇÃO DA BRIGADA DA VIA CAMPESINA BRASILEIRA NO HAITI: DIÁLOGO COM OS MÉTODOS DO PROGRAMA DE ATES NO RS

José Luis Rodrigues  
Especialização em Agricultura  
Familiar Camponesa e Educação do Campo  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
jose Luisviamao@gmail.com

## **Resumo:**

O presente trabalho tem por objetivo relatar a vivência e a atuação da Brigada da Via Campesina brasileira no Haiti entre os anos de 2009 e 2012, relacionando-os com as abordagens baseadas em metodologias participativas do Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES), voltado aos assentamentos de reforma agrária do Rio Grande do Sul (RS), tomando por base a experiência do Núcleo Operacional (NO) de Viamão. Para tanto, buscamos apontamentos e relatos pessoais, principalmente em diários de campo elaborados por ocasião da atuação da Brigada da Via Campesina no Haiti, entrevistas com dirigentes de organizações camponesas haitianas, bem como pesquisa em sites de jornais e de internet buscando subsídios para fundamentar a realização do trabalho. Por outro lado, buscamos os princípios da atuação extensionista e da educação popular, principalmente a partir das contribuições de Paulo Freire. Em relação às metodologias participativas no contexto da extensão rural foram feitas consultas a bibliografias relacionadas aos fundamentos da política de ATES, além das percepções a partir da realidade empírica vivenciada no Núcleo Operacional de ATES do município de Viamão-RS. A reflexão final do trabalho aponta que a atuação da Brigada brasileira da Via Campesina no Haiti se relaciona com vários dos princípios da ATES no que refere à utilização de abordagens participativas e que muito mais e melhor poderia ter sido feito se os brigadistas tivessem tido um contato mais direto e sistemático com estas abordagens previamente à missão.

**Palavras-chave:** Via Campesina; Programa de ATES; metodologias participativas

## **1 - Introdução**

Nas lutas contras as desigualdades e as opressões sociais, tanto o Movimento Sem Terra (MST) quanto a Via Campesina, esta resultante da articulação internacional de movimentos sociais camponeses, têm estabelecido a solidariedade internacional como uma linha política estratégica, capaz de proporcionar vivências e práticas de valores solidários a serem defendidos e cultivados entre os grupos sociais e povos oprimidos. Neste sentido, o presente trabalho procura relatar, de maneira breve, as vivências e as atuações da Brigada da Via Campesina brasileira no Haiti entre os anos de 2009 e 2012, relacionando-os com as experiências do Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES), voltado aos assentamentos de reforma agrária do Rio Grande do Sul (RS). A atuação no Haiti, um dos países mais pobres do mundo, foi feita de forma articulada com as organizações locais, implantando-se um Centro Nacional de Formação e Capacitação Técnica, além de se estabelecer um importante intercâmbio de experiências com a vinda de setenta jovens haitianos ao Brasil, ao mesmo tempo em que trinta brasileiros se deslocaram àquela nação com a mesma finalidade.

Buscamos aqui refletir e compreender em que medida o trabalho de atuação da Brigada da Via Campesina no meio rural haitiano, com distintas organizações camponesas, dialoga com os métodos baseados em abordagens participativas utilizados no programa de ATES, particularmente referido ao Núcleo Operacional (NO) de Viamão, RS.

Para realizar este trabalho utilizamos uma abordagem qualitativa (HAGUETTE, 2000), baseada principalmente em uma narrativa memorialística, com apontamentos e relatos pessoais, principalmente em diários de campo elaborados por ocasião da atuação da Brigada da Via Campesina brasileira no Haiti e algumas breves entrevistas com dirigentes de organizações camponesas haitianas; também fizemos pesquisa documental em artigos de jornal com notícias e relatos sobre esta atuação, bem como documentos em sites de internet com informações e subsídios diversos sobre esta temática. Também fizemos uma pesquisa bibliográfica para tomar noções e entendimentos sobre os fundamentos participativos da atuação extensionista e da educação popular, principalmente a partir das contribuições de Paulo Freire. Em relação ao trabalho de compreensão das metodologias participativas da ATES, foram

feitas consultas a bibliografias relacionadas aos fundamentos da política de ATES e, também, recorrência às percepções empíricas vivenciadas no Núcleo Operacional (NO) da ATES no município de Viamão, RS.

Assim, para a elaboração deste trabalho, além desta introdução que situa o contexto, a questão e a abordagem proposta para a pesquisa, apresentamos na sequência um tópico sobre algumas noções de educação popular e extensão rural. Posteriormente, apresentamos dados gerais e históricos sobre a realidade do Haiti, a constituição e o papel da Brigada da Via Campesina, bem como um relato sobre os primeiros contatos da Brigada com aquela realidade. Na sequência, fizemos um relato das principais vivências e atuações em campo da Brigada, apresentando as diferentes abordagens empregadas e as relações que foram estabelecidas com os movimentos sociais camponeses Haitianos. Na continuidade do trabalho, elaboramos um tópico sobre a abordagem participativa e os fundamentos da política de ATES e, na sequência, sobre a atuação do Núcleo Operacional de Viamão e a recorrência de metodologias participativas em seu trabalho. Por fim, procuramos identificar as relações existentes entre as duas experiências na perspectiva de encontrar semelhanças, complementariedades e eventuais distanciamentos que possam, em certa medida, servir para eventuais reflexões que apontem para o aperfeiçoamento do trabalho de ATES.

## **2-Noções de educação popular e extensão rural**

A luta dos movimentos sociais contra as desigualdades sociais coloca como necessidade o conhecimento e a transformação da realidade social, mediante a participação interessada e comprometida dos sujeitos. Assim, a ideia de compromisso, segundo Freire (1983, p.19) está associada ao engajamento dos sujeitos frente à transformação de uma realidade.

O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade de cujas águas os homens verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. O verdadeiro compromisso é a solidariedade desencadeada ao engajar-se na humanização daqueles que se encontram convertidos em ‘coisas’.

Por conseguinte, os meios de intervenção na realidade, como a educação popular e a extensão rural, devem se pautar pela crítica das condições de dominação

social, o que leva necessariamente à noção de “educação para a libertação”. Nesse sentido Freire usa a expressão “extensão educativa” para caracterizar aquele processo onde o extensionista não leva seu conhecimento a uma fonte vazia e ignorante, despejando ali todo seu saber, mas antes afirma que:

educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais - em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais”. (FREIRE, 1977, p.25)

Neste aspecto temos a seguinte afirmativa encontrada na cartilha sobre Metodologias Participativas, organizada por Silveira e Diesel (2008, p.75-6):

Para Freire, o diálogo leva a reconhecer o outro (com quem se dialoga) como um ser que aprendeu com suas vivências e por isso detém conhecimento. O diálogo é, então, um encontro de dois seres que, até o momento, detinham experiências individuais distintas e procuram transcendê-las a partir do confronto entre suas experiências. O diálogo faz com que o conhecimento do mundo e análise das vivências não seja um ato tão solitário. Mas, para que o diálogo aconteça verdadeiramente, um e outro devem estar dispostos a rever suas perspectivas e aprender.

Tal disposição, a nosso ver, esteve presente nas relações que a Brigada da Via Campesina estabeleceu com as organizações e movimentos sociais no Haiti na medida que a evolução dos trabalhos obedeceu claramente a participação e a vontade das organizações camponesas. Sem essa horizontalidade, descrita inúmeras vezes, no decorrer do texto, o diálogo que nos referimos não teria sido realizado e o êxito positivo dos trabalhos da Brigada notado nos mais diversos tipos de abordagem não teria ocorrido.

### **3 - O Haiti e o papel da Brigada da Via Campesina**

Com uma população que atinge cerca de dez milhões de habitantes, o Haiti figura entre os países mais pobres do mundo, com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) na cifra de 0,456, ocupando a 161ª posição, segundo informações da ONU no ano de 2013. Não obstante, em termos históricos, o Haiti foi a primeira nação independente da América Latina e a única nação cuja independência foi obtida como

parte de uma rebelião de escravos bem-sucedida. Em 1804, depois de uma guerra de mais de dez anos contra o exército francês, os escravos haitianos comandados por Trussaint L'Ouverture e posteriormente por Jean Jacques Dessalines, após vencerem sucessivas batalhas, finalmente expulsaram os franceses<sup>1</sup>. Assim, o país se libertou da escravidão e rompeu os laços de dependência que o mantinham como colônia francesa. A Brigada da Via Campesina no Haiti denominou-se Brigada Dessalines em homenagem a este personagem histórico emblemático para a independência do país presente até os dias atuais no imaginário popular haitiano conhecido amplamente como, “papa Desalin” (pai Dessalines).

Em artigo publicado em 2009<sup>2</sup> foi analisado do ponto de vista histórico as profundas crises enfrentadas pelo Haiti, tendo sido apontado um agravamento crescente destas com o passar do tempo.

As políticas neoliberais e o livre comércio estão destruindo a capacidade produtiva do país. Em 1970 o país produzia praticamente 90% de sua demanda alimentar. Atualmente importa cerca de 55% de todos os gêneros alimentícios que o país consome.<sup>3</sup>

Foi com base no conhecimento histórico e atual das enormes dificuldades socioeconômicas e de pobreza do Haiti, que no início de 2009 a Via Campesina do Brasil enviou uma Brigada de apoio e solidariedade aos movimentos sociais daquele país com o objetivo de construir um programa de cooperação e solidariedade que durasse pelo menos dois anos. Em janeiro de 2009, após dois meses de preparação no Brasil, a Brigada desembarcou no país caribenho, mantendo nos anos seguintes a 2009 um número superior a quatro pessoas<sup>4</sup>. Resultado da articulação internacional de movimentos camponeses, o estabelecimento de uma Brigada no país caribenho veio ilustrar o princípio da solidariedade internacional existente na Via Campesina desde sua criação na década de 1990. No quadro abaixo percebemos de maneira mais evidente a trajetória histórica pela qual passou a Brigada até sua consolidação efetiva no ano de 2009:

---

<sup>1</sup> Ver “Os Jacobinos Negros” de C. L. R. James (2000).

<sup>2</sup> Artigo publicado por José Luis Rodrigues em: <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=88816>, posteriormente traduzido pelo mesmo para fins de citação neste trabalho.

<sup>3</sup> Dados do estudo realizado pela ONG haitiana *Plateforme Haitienne de Plaidoyer pour un Développement Alternatif*, PAPDA, disponibilizado em:

[http://www.papda.org/IMG/pdf/Crise\\_alimentaire\\_et\\_defi\\_de\\_la\\_relance\\_agricole\\_en\\_Haiti08.pdf](http://www.papda.org/IMG/pdf/Crise_alimentaire_et_defi_de_la_relance_agricole_en_Haiti08.pdf)

<sup>4</sup> A composição da Brigada foi de 4 pessoas em 2009; 30 pessoas em 2010 e 8 pessoas em 2011 e 2012.

**Cronologia dos principais fatos que envolveram a Brigada da Via Campesina brasileira no Haiti**

<b>2004</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
Na IV Conferencia Internacional da Via Campesina após diálogo com o MPP (organização camponesa haitiana) se decide enviar ao Haiti uma Brigada.	Primeiras duas viagens ao Haiti a convite das organizações.	Reúne-se em SP a primeira equipe de brigadistas para início do processo preparatório.	No dia 29 de janeiro o grupo desembarca em Porto Príncipe; Realização de um curso de idioma, história, geografia, etc; Articulação e reuniões com os movimentos sociais; Viagens pelo país; Em julho a Brigada fixa sua base numa zona rural no centro norte do país; Em articulação com as organizações se definem as linhas de trabalho a serem priorizadas na relação Brigada e Movimentos Camponeses; O TétKole Ti PeyizanAisyen (organização de camponeses) pede que a Brigada lhe apoie mais intensivamente.	No dia 12 de janeiro ocorre o devastador terremoto <sup>5</sup> ; No dia 20 do mesmo mês a brigada que se encontrava de férias no Brasil retorna ao Haiti; Em março a Brigada recebe o apoio de 30 novos membros que ficariam 10 meses no país; Intensificam-se os trabalhos para o intercambio; 70 jovens haitianos viajam ao Brasil em intercambio de um ano.	A Brigada está composta por 9 pessoas; As prioridades são organizar o Centro Nacional do TétKole, a produção de sementes e a continuidade do intercambio.	A Brigada se encontra com 5 membros e os trabalhos se concentram no apoio maior ao TétKole, produção de sementes e na construção de uma Escola técnica em agricultura de nível médio.

Fonte: elaboração do autor

<sup>5</sup> Em 12 de janeiro de 2010 um violento terremoto afetou o Haiti matando mais de duzentas mil pessoas.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), sendo uma das organizações que colaborou fundamentalmente para a criação da Via Campesina, desde seu princípio desenvolveu o conceito de “internacionalismo” como uma prática de valores solidários a serem defendidos e cultivados entre os povos oprimidos. Nesse sentido a solidariedade internacional é uma linha política estratégica do MST e também da Via Campesina. A proposta e o envio da Brigada da Via Campesina ao Haiti destaca e efetiva a prática desses princípios. O grupo que chegou naquele país não tinha nenhum método pré-estabelecido a não ser o princípio do internacionalismo e da solidariedade internacional que seriam a base do trabalho e das relações que ali se estabeleceriam. Tinha, no entanto, a colaboração de quatro militantes sociais com trajetória de engajamento no movimento camponês brasileiro. O contato com a realidade nos mostraria o caminho a ser percorrido. O desafio estratégico, para aquele grupo naquele momento, se concentrava em atuar na perspectiva de construir um programa de cooperação e solidariedade. Do ponto de vista tático não havia praticamente nada construído. Tratava-se de tentar desencadear naquele país, de forma prática, os princípios da solidariedade e do internacionalismo brevemente apresentados nesse trabalho e defendidos por organizações sociais como o MST.

O primeiro grupo brasileiro que se estabeleceu no Haiti se incumbiu de percorrer todo o país (facilidade encontrada devido à pequena extensão geográfica, 27.750km<sup>2</sup>) dialogando com organizações camponesas apesar das enormes dificuldades de acesso devido à péssima qualidade das estradas e da topografia bastante acidentada (75% do território é montanhoso). Para se ter uma ideia da imersão na realidade do Haiti que foi realizada, em aproximadamente quatro meses de “recorrido” pelo interior do país os membros da Brigada não dormiram uma noite sequer em hotéis ou pousadas, mas sempre nas residências dos camponeses.

#### **4 - A Brigada da Via Campesina no Haiti: os primeiros contatos com a realidade**

A primeira atividade desenvolvida foi o processo de aprendizagem do idioma local (créole)<sup>6</sup>. Para isso utilizou-se dois mecanismos: estudos e vivência nas

---

<sup>6</sup> Oficialmente o Haiti tem dois idiomas: o francês e o créole. Este último é absolutamente predominante na língua falada no dia a dia, apesar do francês ser predominante na escrita.

comunidades de camponeses para praticar o idioma. Simultaneamente ao estudo da língua haitiana mais falada no país, realizou-se um extenso estudo sobre história, geografia, topografia, organização da economia, da cultura e da política do país. Nesse processo de diagnóstico, numa estreita relação entre teoria e prática, a Brigada se divide em duas duplas e viaja o país todo durante quatro meses.

O período de quatro meses de viagens, de ônibus, de carro, a pé, de motocicleta e outros meios de transporte serviu para conhecer as organizações camponesas do país e analisar suas principais necessidades e potencialidades. Esse foi o principal objetivo desta *turnê*. Evidentemente que o processo de aprendizagem obtido com os deslocamentos pelo interior do país possibilitou um nível de conhecimento extraordinário em geografia, manejo do idioma, da cultura etc.

Após recorrermos o país elegemos um grupo de sete organizações camponesas com as quais coordenamos todo o trabalho que faríamos. Dessas organizações, quatro pertenciam a articulação internacional da Via Campesina e mantinham um fórum denominado “kat je kontre” que se reunia periodicamente com o qual seria mantido a coordenação da atuação da Brigada. Além disso atuavam em nível nacional. As demais organizações identificamos como aliadas no período de viagens pelo país e possuíam um nível de articulação regional ou estadual. A realização do trabalho obedeceu claramente às demandas apresentadas pelas organizações camponesas haitianas. Neste diálogo, estabelecemos as seguintes prioridades: a) construção de um centro de formação e de experiências agroecológicas para um movimento camponês; b) formação e intercâmbio com uma centena de jovens haitianos e brasileiros; c) estabelecer seis centros de produção de sementes, sendo três de hortaliças e três de outras culturas; d) desenvolvimento de um processo de instalação de cisternas para captação de água; e) buscar apoio financeiro para viabilizar as iniciativas.

Em 2009, imediatamente após a chegada ao Haiti a Brigada se sentiu na obrigação de mostrar seu propósito. Mesmo com a acertada ausência de um plano elaborado a priori e o incipiente conhecimento da realidade naquela ocasião, construiu-se o primeiro plano de trabalho, organizando-se o que poderíamos denominar de linhas políticas gerais. Para sermos totalmente fieis à realidade decidimos transcrever abaixo o texto na íntegra tal como ele foi escrito. Este, por sua vez, está em espanhol já que naquela ocasião era o idioma que mais nos aproximava dos dirigentes das organizações camponesas, posto que o idioma falado pela maioria

dos haitianos, o *créole*, ainda não fazia parte do nosso conhecimento. Em reunião com as distintas organizações camponesas apresentamos o texto abaixo que inclusive nunca foi concluído em sua totalidade como era o objetivo. Este material foi preparado e traduzido pela Brigada dias anteriores à reunião acima referida para que tivesse um efeito didático e prático de apresentação dos nossos objetivos. A preparação do material obedeceu duas lógicas; na sua primeira parte segue orientações políticas gerais do MST e da Via Campesina, e na segunda metade seguiu as percepções obtidas durante o período de viagens e vivencia junto às organizações, aos dirigentes e as comunidades rurais sendo, portanto, resultado do período que podemos chamar de diagnóstico.

***“Bases del programa de cooperación entre La Vía Campesina de Brasil y organizaciones campesinas haitianas”***

***Brigada Dessalines***

***Introducción/punto de partida;***

*En este aspecto introductorio, partimos de lo que hemos acumulado en la Vía Campesina Brasil. De esta manera, los puntos que siguen abajo conforman la base teórica y práctica en la cual creemos y desde ella partimos.*

- a) ***Lucha de masas;*** *los cambios que planteamos solamente serán posibles a través de luchas concretas en donde la gente participe como protagonista.*
- b) ***Formación;*** *En el nivel técnico debemos impulsar otro modelo de desarrollo para el campo. En el nivel político, debemos formar dirigentes y militantes capaces de impulsar la concientización del pueblo para que luche por sus derechos. Dicho impulso debe estar adjuntado a un programa de formación.*
- c) ***Proyecto para el país;*** *El programa para el país apunta el camino por lo cual siguen las organizaciones. Un programa que propone de forma clara las principales salidas para el campo y para la ciudad. Dicho programa debe apuntar la estrategia común que plantearemos y defenderemos.*

***Objetivos del programa de cooperación;***

- a) *Conocer la realidad del sector campesino haitiano*
- b) *Conocer el proceso organizativo de las organizaciones campesinas estableciendo las bases para impulsar el programa de cooperación de forma más profundizada*
- c) *Apoyar el movimiento campesino haitiano*
- d) *Intercambiar experiencias en el campo técnico, político, cultural y organizativo*

- e) *Identificar las principales demandas existentes en los movimientos campesinos y buscar salidas de forma coyunta*
- f) *Construir un centro de experiencias en una zona determinada del país.*
- g) *Desarrollar experiencias en; Producción de semillas; Cultivo de plantas; Sistemas de captación de agua de lluvia*

***Etapas importantes;***

- a) *Inmersión en el país a través de un programa de estudio incluyendo historia, geografía, cultura, idioma, y otros*
- b) *Recorrer algunas zonas del país buscando un conocimiento básico*
- c) *Ubicar la Brigada en una zona del país, articulada y en acuerdo con las organizaciones campesinas.*
- d) *Recorrer el país mediante articulación con las organizaciones*
- e) *Participar, dentro del posible, en todas las actividades desarrolladas por las organizaciones.*
- f) *Trabajar en la organización del centro de experiencias*
- g) *Evaluar permanentemente el desarrollo del proceso*

***Desarrollo del proceso de articulación y conocimiento del país;***

*Para constatar las principales demandas existentes en el sector campesino..*

***Para donde apunta nuestra mirada;***

*Desde nuestras experiencias de trabajo y actuación en Brasil y en otros países del mundo establecemos una base para a partir de ella mejorar y calificar las potencialidades y las necesidades existentes en el sector campesino haitiano. La base que establecemos va a dar condiciones de reflexionar sobre las condiciones de vida de los campesinos desde nuestro punto de vista. Pero la realidad concreta va a diseñar nuestras líneas de acciones.*

*El primer punto de partida es la mirada sobre la **producción de semillas**; la producción y la conservación de las semillas conforman la base para el desarrollo de la soberanía alimentaria. Nadie en el mundo sobrevive sin depender de las semillas. Por lo tanto trataremos de observar como los campesinos haitianos a través de sus organizaciones manejan este tema. Pretendemos observar cual es la situación actual y las potencialidades.*

*El segundo aspecto es el agua;*

*El tercero aspecto es la reforestación;”<sup>7</sup>*

Na prática o texto descrito serviu de guia para que a brigada efetivamente se consolidasse no Haiti. Sem essas metas seria muito difícil organizar o trabalho de solidariedade com as organizações camponesas. Tanto os “objetivos do programa de cooperação” como as “etapas importantes” foram determinantes, pois estabeleceram bases para todo o trabalho posterior.

## **5-As experiências de campo: as viagens e as diferentes abordagens empregadas**

Na perspectiva de compreender melhor os métodos utilizados para conhecer a realidade haitiana descreveremos alguns trechos dos diários de campo elaborados por membros da Brigada da Via Campesina no período de diagnóstico. Estes relatos apontarão para distintas abordagens empregadas no dia a dia dos brigadistas que atuaram no país caribenho.

No Haiti, mais de 70% das casas não usam gás para cozinhar os alimentos. O carvão é a principal energia utilizada nas cozinhas. Além disso, na zona rural mais de 90% não tem energia elétrica. Geladeira? Objeto de alto luxo em todo o país, encontrado em pouquíssimas casas. Como eles tomam água gelada? Por todos os lugares se vende gelo desde as primeiras horas da manhã. As pessoas compram e colocam em pequenas caixas para gelar água ou conservar algum alimento. De fato a vida no Haiti não é muito fácil... (Diário de Campo)

(.....)

O lugar mais seco que já vi; cabritos, burros e pessoas resistem às maiores adversidades climáticas que se agravam cada vez mais.

No dia 21 de agosto, depois de percorrermos 06 horas chegamos a Bedeyen localizado ao extremo nordeste do país. Nosso objetivo: permanecer durante 08 dias acompanhando dirigentes camponeses e conhecer a realidade daquela região no sentido de viabilizar programas de produção de sementes e sistemas de construção de açudes já que a região é extremamente seca.

Às 08 horas da noite chegamos na casa do Sr. Rosnel Jean Batiste. Em seguida, pedimos para tomar banho e ele nos proporcionou uma bacia com aproximadamente 4 litros de água. Durante os 08 dias tomaríamos banho, uma vez por dia, com a mesma bacia e a mesma quantidade de água. É possível imaginar?

No primeiro dia o camponês, de forma muito acolhedora e generosa, matou um cabrito e durante os dois primeiros dias comemos uma excelente carne acompanhada de todos os intestinos do pequeno animal. Como já disse em outro relato, todas as

---

<sup>7</sup> Material escrito no ano de 2009 e que serviu para orientar os trabalhos da Brigada da Via Campesina brasileira (Brigada Dessalines) no Haiti em seu princípio. Está em espanhol, pois assim foi produzido naquela ocasião.

partes do cabrito são aproveitadas. Inclusive o couro que é frito junto as demais partes: tripas, pulmões, fígados, rins, pés e cabeça.

No terceiro dia a carne do cabrito perdeu muita qualidade, mas comemos. No quarto dia, decidimos não comer. O cheiro era muito desagradável pois na tentativa de conservar a carne ela foi levada ao sol para secar. Porém sua qualidade deixou de existir e lamentavelmente não comemos mais. Apenas o pessoal da casa, o casal e as crianças comiam a carne que liberava um odor que afastava a vontade de comer. Na noite, ao sentarmos à mesa falei a meu companheiro: “A carne tá feia! Comemos ou não comemos? Deixa eu cheirar...Não dá!”; “E o molho?” - Indagou Carlos Oliveira- “Também não dá”, afirmei antes de comermos o arroz e o feijão disponíveis. Em meio a refeição a dona da casa perguntou; “A carne não está boa?” De forma tímida respondi: “nap manje...” (estamos comendo!) (Diário de Campo)

Enfatizando a ideia de inserção na realidade e vínculo com os camponeses na perspectiva de compreender a realidade, dominar o idioma e demais aspectos da sociedade, trazemos mais um relato:

Nessa viagem dividimos nossa brigada brasileira em duas e fomos para duas regiões distintas. Depois de andarmos por mais de cinco comunidades rurais subindo e descendo morros, cujas estradas muitas vezes inexitem, chegamos em “WoMoustik”. Havia cerca de duzentos agricultores nos esperando. Fizemos ali uma das reuniões mais interessantes e animadas. Durante a reunião, sentamos em algumas cadeiras velhas, outras pessoas sentaram ao chão e outras sobre umas mesinhas que se encontravam por ali. O teto daquele pequeno edifício havia se rompido ao meio durante a passagem do último ciclone, transformando aquela velha construção numa verdadeira ruína... (Diário de Campo)

A partir da determinação de circularmos pelo país, estabelecemos um segundo procedimento que consistia em *visitar e viver nas casas dos agricultores*. Esta vivência possibilitava, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de uma série de outras dinâmicas metodológicas de integração. As *visitas* possibilitavam a realização de *reuniões com grupo de agricultores*. Essas reuniões possibilitavam várias dinâmicas simultaneamente; éramos obrigados a praticar a fala do idioma, já que pelo interior do país predomina amplamente o créole. Ao mesmo tempo tínhamos que explicar as razões de nossa presença ali, apesar de estarmos ainda construindo concretamente estas razões. Por outro lado, as mesmas reuniões eram locais de verdadeiros manifestos de insatisfação e relatos da precária situação vivida pelos camponeses. Neste processo de integração e imersão na realidade do país, através das dinâmicas descritas, realizamos centenas de reuniões. De modo geral as reuniões se organizavam da seguinte maneira; o líder da organização local, após tomar conhecimento da Brigada, anunciava, com alguma antecedência que um grupo de brasileiros estava chegando para conhecer o local e conversar sobre os principais problemas da

comunidade. Em seguida a reunião com os agricultores se desenvolvia de maneira que surgiam enormes pautas de reivindicação. Com o auxílio do dirigente local organizávamos o diálogo para fortalecer a organização que naquela ocasião nos recebia pois era ela que poderia levar as necessidades adiante e transformá-las em ações. Nossa principal atividade era prestar solidariedade, entender o contexto e nos comprometer em colaborar na busca de soluções para os problemas expostos na medida em que estes fossem debatidos nas instancias das organizações.

Apesar dos brigadistas serem brancos/estrangeiros (oficialmente 96% dos haitianos são negros), andávamos em condições semelhantes à maioria dos camponeses. Percorremos partes do país num veículo chamado “ótobis” (autobus), uma espécie de ônibus escolar adaptado ao transporte de passageiros com capacidade para 80 pessoas, incluindo algumas sentadas sobre o teto. Outras partes do país percorremos em outro veículo muito utilizado chamado “taptap” (uma espécie de saveiro ou S10 com carroceria aberta com capacidade para 20 pessoas muito comprimidas). Nas regiões onde esses dois veículos não circulavam andamos em motocicletas, ou montados sobre burros e mulas, e ainda outras tantas centenas de quilômetros a pé, já que em locais montanhosos não havia possibilidade para nenhum tipo de transporte. Somente após seis meses da chegada da Brigada no país conseguimos um veículo próprio.

Ao mesmo tempo em que percorremos o país nas mesmas condições em que o fazia a maioria das pessoas, nos alimentávamos com o mesmo alimento com que se alimentavam os camponeses, e embora muitas vezes tenhamos passado por muitas dificuldades de adaptação, tais condições nos proporcionaram conhecimentos e legitimidade para dialogar com a população haitiana e com suas organizações camponesas em relação de horizontalidade e confiança.

## **6-A relação com os movimentos camponeses haitianos**

Em nível geral quatro organizações camponesas do Haiti possuem uma coalizão nacional e se reúnem periodicamente. Com essa coalizão, denominada “KatjeKontre”<sup>8</sup>, coordenamos todas as iniciativas desenvolvidas no Haiti. A Brigada era convidada a participar de todas as reuniões e seminários realizados. Participavam

---

<sup>8</sup> Plataforma de organizações camponesas do Haiti.

dessa plataforma as seguintes organizações: MouvmannPeyzanPapay (MPP); TétKole ti PeyzanAysien (TK); MouvmanPeyzanNasyonalKongréPapay (MPNP) e KodinasyonOganizasyonSidestYo (KROS).<sup>9</sup>

Entre as distintas organizações com que articulamos o trabalho, podemos destacar o TétKole ti PeyzanAysien como o principal aliado. Esta organização manteve uma relação profundamente afinada com a Brigada, pois desde as visitas realizadas percebemos que o seu nível de necessidade era maior. O TétKole, como chamamos, era uma organização de camponeses muito pobre, que não tinha nem sequer um local para reuniões de sua coordenação nacional e sua dependência de ajuda de ONGs haitianas era grande. A Brigada, como veremos adiante, colaboraria profundamente na construção da autonomia dessa organização. A partir desse momento o trabalho da Brigada começa a se fundamentar em outros parâmetros. Nossa presença no interior do movimento camponês passou a ser sinônimo de fortalecimento da organização local.

A partir do ano de 2010 a Brigada centrou seu trabalho na construção do Centro Nacional de Formação e Capacitação do TétKole e na organização de intercâmbio, proporcionando a vinda de jovens haitianos ao Brasil. A construção do **Centro Nacional** foi uma ação articulada no período de diagnóstico, onde percorremos o país e acabamos por visitar uma área de terra pertencente ao TétKole. Este local, de ótima localização geográfica, segundo os dirigentes da organização, sempre foi abandonado devido à ausência de meios para dar a ele algum sentido. Aquele seria, segundo a organização, o local mais apropriado para a construção de um espaço para reuniões, seminários, cursos, etc.

Foi nesse contexto que a Brigada aderiu à ideia de ajudar o Movimento a construir o seu Centro Nacional. Em acordo com a direção do movimento procuramos recursos para construir o prédio, cercar a área, captar água etc. Praticamente todo o ano de 2010 ficamos envolvidos na construção do que seria um Centro com as mínimas condições de cumprir o seu propósito. Foram várias reuniões com a direção do TétKole e com a comunidade local. As reuniões se deram sobre assuntos os mais diversos: montagem do projeto geral, projeto financeiro, projeto técnico para instalação de experiências agroecológicas, reuniões de sensibilização com a

---

<sup>9</sup> Na tradução livre: MPP: Movimento Camponês de Papay; TK: Cabeças Unidas de Pequenos Camponeses Haitianos; MPNKP: Movimento Camponês Nacional Congresso de Papay; KROS: Coordenação das Organizações do Sudeste.

comunidade, reunião com a entidade patrocinadora, tradução de materiais etc. Com a ajuda da Diocese da Igreja Católica de Belo Horizonte (MG), conseguimos os recursos e em 2011 iniciamos as obras.

Na opinião de um membro do TétKole, a colaboração da Brigada foi muito importante no fortalecimento da organização<sup>10</sup>

Nós acreditamos que essa solidariedade é um elemento chave dentro do TK que provocou uma série de discussões internas e nos mostrou que a organização camponesa deve buscar o seu próprio caminho, por que antes as relações do TK estiveram muito dependentes de algumas ONGs haitianas que seguidamente estão corrompidas ou muito conservadoras. Poderíamos dizer que com essa solidariedade o TK, mais ou menos, está procurando seu caminho autônomo e seus direitos soberanos. Essa solidariedade faz com que o TK possa ficar firme, ou seja, em pé sobre seus dois pés.

A partir do ano de 2010 a Brigada, como já descrevemos anteriormente, centrou seu trabalho na construção do Centro Nacional de Formação e Capacitação do TétKole e na organização do intercambio, proporcionando a vinda de jovens haitianos ao Brasil. Este **intercambio com jovens** se deu após o terremoto que devastou o Haiti em janeiro de 2010. A Via Campesina e o MST do Brasil se propuseram a receber jovens haitianos para um programa de intercambio, para o qual a Brigada brasileira da Via Campesina presente no Haiti se encarregou de fazer a sensibilização das organizações e com elas efetivar a vinda dos jovens ao Brasil para que pudessem conhecer as experiências organizativas, escolas rurais, assentamentos e participarem em cursos de formação em agroecologia.

No sentido de melhor expressar a magnitude e a importância que tomou a atuação da Brigada da Via Campesina no Haiti, principalmente no fortalecimento das relações com os movimentos sociais e organizações camponesas daquele país, trazemos excertos de duas breves entrevistas que destacamos abaixo, as quais foram realizadas com dirigentes e membros do TétKole. Na primeira o papel da Brigada Dessalines e a relação com o TétKole é analisada de maneira ampla. Já na segunda a ênfase maior é para a construção do Centro Nacional daquela organização haitiana.

**Jean Ronel: técnico em agropecuária membro do TétKole<sup>11</sup>:**

---

<sup>10</sup> Entrevista de áudio realizada no ano de 2012 e publicada em: <http://www.mst.org.br/2015/03/31/ha-seis-anos-brigada-dessalines-do-mst-contribui-com-o-povo-haitiano.html>

Nós tivemos uma relação bastante estreita. Nós não compartilhamos apenas relações técnicas, mas relações humanas. Nos demos conta de que a relação de trabalho existente entre o TK e a Brigada Dessalines da Via Campesina é uma relação positiva, que é um caminho que pode possibilitar desencadear num verdadeiro movimento social forte dentro de nosso país.

### **Rosnel Jean-Baptiste, membro da direção nacional do TétKole<sup>12</sup>:**

#### **- Como o TétKole Ti PeyzanAisyen viu a Brigada no período de 2009 a 2012?**

A Brigada Dessalines colaborou com vários movimentos sociais no Haiti. Mas do lado do TK foi uma colaboração franca como uma relação entre adultos. Foi um intercambio que mostrou realmente a boa relação entre o TK e a brigada para continuar a luta em nível internacional. Seguramente um tirou lição do outro.

#### **- Com relação ao fortalecimento organizacional do TétKole, como a brigada colaborou?**

A Brigada Dessalines colaborou muito no fortalecimento do TK ajudando a procurarmos aliados e fundos de financiamentos em instituições para auxiliar nossa organização. Por exemplo, tivemos o projeto de apoio da Diocese de Belo Horizonte, Brasil.

#### **- Com relação a construção do Centro Nacional do TétKole, como foi a participação da Brigada?**

Com relação ao Centro a Brigada colaborou em todo o trabalho relacionado a sua instalação. Desde o trabalho da construção física e todas as atividades agrícolas desenvolvidas no Centro, a Brigada teve sua participação.

#### **- Que benefícios ou problemas a Brigada poderia ter oferecido ao TétKole em nível nacional e também na região onde o Centro foi instalado?**

Com a Brigada, não tivemos nenhum tipo de problema porque nós fizemos o trabalho em parceria. Em relação à Brigada nós planejávamos juntos e organizávamos um calendário de atividades conjuntamente. Com a Brigada, sentávamos juntos cada mês para organizar o calendário de atividades seja no escritório do movimento ou no Centro Nacional. Além disso, planejávamos juntos uma série de viagens ao interior do país. O maior exemplo de benefício obtido com a presença da Brigada, por exemplo, foi a construção do Centro Nacional que realmente ajudou e reforçou o trabalho do TK.

Vale ressaltar que tanto a realização do intercambio como a construção do Centro Nacional foram fundamentais no fortalecimento do Tét Kole. Notamos que ao regressarem ao país após o intercambio a maioria dos jovens teve maior inserção na organização chegando, posteriormente, a inédita ocupação de um posto na direção executiva nacional da organização. Por outro lado, o Centro de formação se consolidou no principal espaço de realização de cursos, seminários, reuniões além de

---

<sup>11</sup> Entrevista de áudio realizada no ano de 2012 e publicada em: <http://www.mst.org.br/2015/03/31/ha-seis-anos-brigada-dessalines-do-mst-contribui-com-o-povo-haitiano.html>

<sup>12</sup> Entrevista enviada por e-mail ao autor em abril de 2014.

servir como espaço de produção agropecuária sendo um importante centro de reprodução de cabras. O Tét Kole sempre foi responsável pela coordenação e gestão do Centro que contou, desde seu início com a colaboração da brigada. Abaixo visualizamos fotos ilustrativas do local:

## **7-A abordagem participativa e os fundamentos da política de ATES**

De forma bastante resumida apresentamos algumas bases teóricas sobre os princípios e metodologias que fundamentam a política nacional da Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES). Posteriormente buscaremos apresentar as experiências, conhecidas através da vivência cotidiana, desenvolvidas no Núcleo Operacional (NO) de ATES do município de Viamão no RS. Nesse caso buscaremos identificar algumas das abordagens metodológicas efetivadas pela equipe local.

A ATES, como uma política pública, tem como principal objetivo *“promover a viabilidade econômica, a segurança alimentar e nutricional, a sustentabilidade socioambiental e a promoção da igualdade nas relações de gênero, geração, raça e etnia nas áreas de assentamento”* (INCRA, 2008, p 12). O Programa de ATES tem como objetivo geral:

prestar assessoria técnica, social e ambiental às famílias dos Projetos de Assentamento criados ou reconhecidos pelo INCRA, tornando-os unidades de produção estruturadas, com segurança alimentar e nutricional, inseridas no processo de produção e voltadas para o desenvolvimento rural sustentável e solidário. (INCRA, 2008, p 16).

Podemos perceber que os aspectos destacados acima estabelecem os princípios nos quais o programa de ATES se assenta. Os pontos destacados apontam para a ideia de desenvolvimento sustentável com base no fomento à agricultura familiar, à agroecologia e à viabilidade econômica dos assentamentos de reforma agrária através de processos educativos que estimulem a iniciativa dos “atores sociais” envolvidos e possibilitem processos de gestão capazes de avaliar e efetuar eventuais correções em vista de melhorar o processo.

Em termos de metodologia o mesmo documento aponta para uma busca de caminhos diferentes para a realização do trabalho de extensão rural. O próprio termo “extensão” cede lugar à ideia de “assessoria” e a lógica da “persuasão” identificada no

sistema de extensão convencional é substituída pela “participação”. Constata-se aqui um novo atributo e uma nova modalidade de trabalho:

*“Em outras palavras, fica assim evidenciada a crucial importância da **participação**, no estímulo à iniciativa dos principais interessados na definição do conteúdo do trabalho das equipes de ATEs e, de forma mais ampla, na construção do próprio futuro.”* (INCRA, 2010, p 61, grifo nosso).

Para lograr essa nova metodologia de extensão rural denominada a partir desse momento de “assessoria técnica, social e ambiental” se estabelece um itinerário metodológico que sinaliza para as equipes de ATEs diferentes tipos de abordagens que poderão ser utilizadas, para que cumpram com os princípios acima destacados. O “itinerário metodológico” proposto estabelece quatro momentos que fundamentam o trabalho de assessoria: a) leitura inicial da realidade; b) o planejamento da ação; c) implementação da ação planejada; e d) avaliação.

Por último percebemos que, segundo o manual da ATEs (2008, pp. 45-46), fica evidente

que as soluções tanto técnicas, quanto sociais, organizacionais ou institucionais devem ser produzidas, testadas, inventadas, adaptadas e acompanhadas com medidas adequadas, num processo coletivo de aprendizagem e gestão de conhecimento. Ou seja, a Assessoria Técnica é vista como um processo de diálogo e aprendizado mútuo entre técnicos/as e agricultores/as.

No livro organizado por Diesel, Neumann e Sá (2012), “Extensão rural no contexto do pluralismo institucional”, encontramos importantes reflexões sobre as metodologias participativas no contexto da ATEs. No capítulo elaborado por Diesel e Haas (2012), intitulado “Transições metodológicas: atuação extensionista na elaboração dos PDAs e PRAs na Ates do RS”, percebemos contundentes críticas à **ação extensionista tradicional** que, segundo as autoras, reforça apenas processos de desenvolvimento exógeno, desconsideram a realidade local, além de não corresponderem às aspirações das pessoas por não favorecerem a participação efetiva. Por outro lado as autoras preconizam a ideia de uma **nova ação extensionista**, que construa processo endógeno de desenvolvimento, que busque ações que correspondam às necessidades e projeto de futuro dos grupos sociais envolvidos, viabilizando a participação das pessoas em todo o processo de desenvolvimento.

Segundo as autoras a participação não pode ser atributo de especialistas possibilitando apenas o protagonismo do agente de extensão. O protagonismo, na nova ação extensionista, deve ser das pessoas beneficiadas pela assessoria. Por estas razões

os agentes de extensão devem desempenhar um papel de educadores, atuando como mediadores dos processos de desenvolvimento rural sustentável preconizado nos princípios da política de ATES.

## **8 - A atuação do Núcleo Operacional de Viamão e as metodologias participativas**

O Núcleo Operacional (NO) do programa de ATES do município de Viamão (RS), que atende ao Assentamento Filhos de Sepé<sup>13</sup>, é composto por dois engenheiros agrônomos, dois técnicos de nível médio, um profissional da área social de nível superior e um profissional da área social de nível médio. A equipe de seis pessoas está ainda amparada por um profissional que se incumba de funções de secretaria.

São muito variadas as atribuições do NO, posto atuarem tanto na esfera técnica, quanto social e ambiental. Sua atuação está amparada pela estrutura organizativa existente no assentamento através de grupos gestores, núcleos de produção, grupo de mulheres, cooperativas de agricultores, entre outras, proporcionando que o NO se insira na organização do assentamento de maneira efetiva. A forma como o NO se organiza e compartilha as funções, bem como sua composição heterogênea, permite uma envergadura maior de ação e uma flexibilidade que demanda e possibilita a circulação por todas as atividades do assentamento.

A política de ATES de maneira geral preconiza uma série de orientações metodológicas para que sejam desencadeadas nos Núcleos Operacionais. Cabe ao NO procurar estabelecer diferentes abordagens que estejam em consonância com as orientações gerais do MST e das organizações que compõem e são parceiras da Via Campesina. Temos como exemplo a constituição do Conselho de ATES que se propõe a reunir diferentes atores sociais internos e externos ao assentamento para estabelecer linhas de orientações gerais para a assessoria técnica. Cabe ao núcleo articular determinada atividade estimulando a participação dos diferentes atores além de coordenar um tipo de abordagem metodológica que permita a obtenção de resultados proveitosos desse fórum. Em Viamão nota-se um grande esforço do Núcleo Operacional para realizar essa atividade de forma mais ampla possível, pois é uma das principais oportunidades de apresentação de demandas e de diálogo organizado.

---

<sup>13</sup> Maior assentamento do Estado do RS, criado no ano de 1998, com 376 famílias.

As abordagens metodológicas desenvolvidas pelo Núcleo Operacional da ATES de Viamão são diversas. Destacaremos algumas que poderão servir de base para o trabalho que estamos realizando.

**Visita às famílias:** notadamente essa dinâmica adotada pelo núcleo e respaldada pela política geral da ATES, consiste em visitar as famílias dos agricultores, o que se configura como atividade muito importante. No cronograma estabelecido, cada família deve receber pelo menos uma visita de um agente de assessoria técnica por ano. De acordo com as observações realizadas no Núcleo Operacional de Viamão a visita pode desencadear duas situações: um aumento da confiança e valorização da equipe técnica da ATES, através de uma leitura eficiente daquela unidade familiar; e um acolhimento correto das demandas ou sugestões que daquela ocasião poderão surgir, além do auxílio técnico concreto em uma área seja social, ambiental ou técnica que poderá ser prestado a partir daquele momento. Por outro lado a visita poderá servir como mote para a desvalorização do trabalho prestado pela assessoria se nenhuma “novidade” surgir como resultado concreto desta visita. Nota-se que a visita não pode ser apenas de caráter formal, para meramente cumprir um calendário ou uma meta pré-estabelecida.

Percebe-se que o êxito ou o fracasso da visita podem residir em dois momentos: 1) Se a visita for planejada, agendada com a família, criando uma expectativa positiva mínima, as chances de êxito aumentam. A família, de alguma forma ou de outra, prepara-se para aquele momento com dúvidas, sugestões, reivindicações, reclamações, etc. Percebemos que um dos elementos de êxito da atividade reside no período anterior à visita. 2) Por outro lado, um segundo momento desencadeador do resultado da ação reside na realização em si da atividade. Se o agente da ATES tiver uma postura mediadora, sendo paciente, sabendo escutar e ser propositivo quando necessário, as chances de êxitos são maiores. Para isso o assessor deverá ter um domínio básico de todas as áreas que tangem a ATES, além de uma compreensão sobre outros temas presentes na vida cotidiana de uma família agricultora. A confiança no técnico da ATES, e conseqüentemente em tudo o que envolve a participação do núcleo, surgirá a partir da capacidade de diálogo e postura do agente frente às situações que surgirão com a visita.

**Seminários de avaliação:** uma das orientações do programa de ATES é a realização permanente de avaliações dos trabalhos planejados pelos Núcleos

Operacionais de ATES. Um destes momentos de avaliação ocorre com a participação das famílias do assentamento. A avaliação é um importante momento para medir os resultados dos trabalhos e sua repercussão efetiva no dia a dia das pessoas. Tivemos a oportunidade de participar em atividades realizadas pela equipe de ATES onde se avaliou o resultado de uma safra de arroz.

Na avaliação da safra de arroz notou-se que sabiamente a equipe técnica organizou uma ordem do dia mais ampla, de interesse geral dos agricultores, na qual se incluía o tema avaliação, que de alguma forma permeava a realização da atividade. No momento final da avaliação, na presença de dezenas de agricultores, foi proposto a metodologia denominada FOFA<sup>14</sup>. Após a proposta metodológica ser apresentada em *Power Point*, o objetivo era que os agricultores falassem sobre fortalezas, oportunidades, fraquezas e ameaças. No entanto foi unânime a não compreensão da metodologia, devido fundamentalmente ao uso de palavras absolutamente desconhecidas ou pouco utilizadas pelos agricultores presentes naquela ocasião, apesar de que todos estavam motivados a avaliar todo o processo da safra, bem como os assuntos relacionados à atuação da equipe técnica. Após um pequeno momento de confusão, optou-se por avaliar o processo apontando apenas “aspectos positivos e aspectos negativos” relacionados à última safra do arroz. Os agricultores presentes na ocasião sugeriram outra dinâmica que não a FOFA para poderem expor suas avaliações. Ao mesmo tempo, os agentes de ATES que auxiliavam na coordenação da atividade tiveram a sensibilidade de acatar positivamente a sugestão e proceder assim no desenvolvimento do trabalho já que a metodologia sugerida por estes revelou-se inoportuna.

## **9-Práticas de uma nova ação extensionista**

Os desafios de colocar em prática uma política pública como a política de ATES são enormes e aumentam muito mais quando o Núcleo Operacional se preocupa em desenvolver abordagens participativas, que promovam um verdadeiro protagonismo dos envolvidos, sejam eles técnicos assessores, sejam famílias de agricultores assentados. Em nosso ponto de vista, o NO de Viamão claramente procura

---

<sup>14</sup> FOFA: Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças. Ferramenta de avaliação, gestão e planejamento estratégico desenvolvida na Universidade de Stanford na Califórnia, EUA, nos anos 1960/70.

desenvolver esse tipo de trabalho da maneira mais horizontal e participativa possível. Estes atributos podem ser notados em três momentos: 1) nas reuniões ordinárias de planejamento das atividades semanais onde ocorre a divisão de funções de acordo ao planejamento geral; 2) na tentativa de acolher as demandas de serviços de ATES que ocorrem no dia a dia; e 3) no diálogo interdisciplinar, onde todos os membros do núcleo se esforçam para atuar de forma sincronizada, buscando bem qualificar o trabalho.

Outro aspecto que merece destaque é a atuação do técnico da ATES como mediador de situações. Essa orientação que, dentre outras, fundamenta a nova ação extensionista se contrapõe à ideia do técnico como o único sujeito solucionador de problemas conforme proposto pela extensão rural clássica (FREIRE, 1977). Para que o agente de ATES seja um mediador, é necessário um preparo muito maior em amplos domínios que extrapolam a sua área específica. A função mediadora exige que o agente, além de dar respostas concretas em sua principal área de domínio, dê respostas a outros temas que não estão diretamente em seu domínio imediato. Caberá a ele encaminhar a situação para que outro membro da equipe ajude a sanar a dúvida, propondo resposta à demanda posta como ocorre em casos de comercialização da produção e demanda de informações relacionada aos programas de compras institucionais, grupos de feirantes, etc. Por outro lado podem surgir questões que se relacionem a outros níveis que não ao técnico especificamente. Neste caso, cabe ao assessor técnico conhecer de forma ampla as estruturas de organização da comunidade para lograr dar encaminhamento e realmente mediar uma situação existente. Esse conhecimento mais amplo permite, além de dar encaminhamentos a situações concretas de dúvidas, aumentar o grau de legitimidade da equipe de ATES presente na comunidade. No Núcleo Operacional de Viamão nota-se um esforço para que o trabalho se desenvolva segundo esta lógica e a reunião semanal se transformou no momento propício para a realização desses ajustes que oportunizam o êxito da dinâmica metodológica.

Construir uma “nova ação extensionista” não é algo fácil, pois não existem regras claras e manuais explicativos para ela, adaptados a cada situação específica que surge no confronto com a realidade. Todavia, o Núcleo Operacional da ATES de Viamão tem feito esse esforço como constatamos no decorrer do presente artigo.

## 10 - Considerações finais

As experiências de trabalho realizadas pela Brigada da Via Campesina brasileira no Haiti entre os anos de 2009 e 2012 foram surpreendentes quando nos referimos às distintas abordagens metodológicas utilizadas na atuação naquele país. A maneira de conhecer e interpretar a realidade a partir da vivência cotidiana, a relação com os camponeses e suas organizações, o desenvolvimento de ações concretas, a integração com a população através do uso do idioma local entre outras, fizeram parte de uma série de dinâmicas que possibilitaram o êxito das iniciativas. Estas inclusive foram positivamente destacadas pelas próprias lideranças da organização camponesa com a qual a Brigada mais se aproximou e estreitou relações, como foi o caso do TétKole.

A utilização do permanente diálogo e do método de construção coletiva em todas as iniciativas que envolveram as relações da Brigada da Via Campesina e as organizações camponesas do Haiti, e em especial com o TétKole, vai ao encontro da ideia de solidariedade e do compromisso com os mais necessitados. Como afirmou Paulo Freire na passagem que anteriormente citamos, “...o verdadeiro compromisso é a solidariedade desencadeada ao engajar-se na humanização daqueles que se encontram convertidos em ‘coisas’”. Para que esse diálogo ocorresse era necessário manter a necessidade de aprender antes de qualquer ação. O “ver” e o “ouvir” foram posturas indispensáveis nessa missão. O “fazer juntos” foi a base que edificou o trabalho da Brigada, pois permanentemente dizíamos aos camponeses e aos dirigentes das organizações, “*nou vin pou mét ansanm*”, “nós viemos para fazer juntos”. Até mesmo porque, depois de anos de exploração estrangeira sobre o Haiti, poderíamos ser apenas mais um grupo de estrangeiros a estar ali com tal interesse.

Ao relacionarmos a realização da experiência desencadeada no Haiti com a abordagem das metodologias participativas proposta pela ATES, tirando as diferenças existentes entre uma política pública e uma ação de solidariedade internacional, percebemos notável semelhança, sobretudo quando observamos o contexto das metodologias participativas. A ATES, como modelo de política pública, descrita nos manuais estudados para a realização deste trabalho, é uma contribuição relevante

desde o contexto brasileiro para as experiências internacionais que necessitam de abordagens similares. Muitas iniciativas se efetivaram nos últimos anos mediante a ideia de um “novo modelo” de extensão rural preconizado nos princípios da Assessoria Técnica, Social e Ambiental. A própria inclusão desses termos já é uma evidência dessa virtude. Podemos afirmar que o trabalho realizado no Haiti se relaciona com muitos dos princípios gerais da ATES e muito mais e melhor poderia ter sido feito se os brigadistas tivessem tido um contato mais direto e sistemático com estas abordagens previamente à missão. Tomando como exemplo a sistematização de informações sintetizada no “itinerário metodológico” da ATES e as etapas nele proposto, nota-se que tais dinâmicas poderiam ter sido incorporadas ao trabalho desenvolvido pela Brigada. Constatamos que a realização do trabalho da Brigada no Haiti não procurou seguir ações sistemáticas como aquelas descritas no itinerário referido. O fato de utilizar uma metodologia ensaiada como estamos nos referindo poderia ter dado uma eficiência maior ao trabalho de síntese e observação da realidade e ao mesmo tempo poderia ter possibilitado maior sistematização das informações com melhores e mais rápidos resultados.

Notamos que a Brigada não contou com um “arsenal” de ferramentas metodológicas que poderiam ter colaborado com uma maior eficácia do método de trabalho naquele país utilizado. O desafio da brigada foi desenvolver dinâmicas participativas desde os trabalhos de base às reuniões de coordenação sem conhecer os princípios preconizados pela política da ATES, fato este que poderia ter sido potencializado se as experiências tivessem dialogado anteriormente.

Ao observarmos o desencadeamento concreto e efetivo da ATES no trabalho de um Núcleo Operacional, mesmo que de forma breve, percebe-se que a execução de uma política pública não é tarefa simples, sobretudo quando a metodologia é algo que está desenhado do ponto de vista teórico, mas que cabe ao agente executá-la e adaptá-la de acordo com a realidade.

Para um indivíduo adaptar-se a situações adversas, exigem-se pelo menos dois quesitos *a priori*: por um lado ter paciência e disposição para aprender com o outro, por mais humilde que este outro seja; e por outro lado, ter capacidade de reflexão crítica sobre a prática a partir do conhecimento teórico. Estes elementos, como já descrevemos no curso desse estudo, foram determinantes no êxito da experiência da Brigada da Via Campesina brasileira no Haiti. Também o Núcleo Operacional de

ATES de Viamão (RS) procura desenvolver uma “nova ação extensionista”, a partir de uma permanente reflexão sobre as ações cotidianas que elaboram e realizam com os sujeitos com os quais convivem e trabalham. Esta atuação, fundada nos princípios da abordagem participativa, aproxima ambas as experiências, por confrontar e buscar o conhecimento sobre a realidade para atuar junto com os sujeitos nela envolvidos, no sentido de transformá-la para ampliar as capacidades e liberdades daqueles que vivem em situações de privações e opressões sociais (SEN, 2000) .

Sem dúvida nenhuma podemos afirmar que a experiência relatada poderá colaborar com o aperfeiçoamento do trabalho de ATES no RS. Neste sentido destacamos, durante a fase de diagnóstico da realidade social, o processo de imersão na realidade experienciado pelos membros da Brigada da Via Campesina no Haiti como procedimento a ser tomado como referência. Conhecer e viver o mais próximo possível de como o “outro” vive, apesar de nunca torná-los iguais, pode possibilitar um conhecimento mútuo que não é possibilitado por quaisquer outros métodos de aproximação da realidade. Por outro lado, o domínio da geografia, da cultura, do idioma, como foi o caso, e de outros fatores externos ao ambiente da família possibilita um estreitamento de relações muito rico que favorece a abertura para um conhecimento maior acerca de qualquer aspecto que se deseje. Conhecimento este que somente esse tipo de relação permite que se adquira.

Percebemos ainda que, a partir da experiência vivenciada no Haiti, o papel do agente extensionista não é efetivamente o de resolver em definitivo os problemas sociais e econômicos que surgem com a ação. Notamos que a Brigada representava sentimentos de esperança, sentimentos de força moral e estímulo, sentimentos de solidariedade real e prática num local tão abandonado como é o Haiti. No período sobre o qual relatamos notamos que nossa equipe foi porta-voz desses sentimentos. Sentimentos estes que poderão ser incorporados aos trabalhos de ATES na relação com os camponeses, em especial aqueles dos assentamentos de reforma agrária, pois na história desses sujeitos sociais que ingressaram em acampamentos para obter terra para trabalhar, as condições se assemelhavam e ainda se assemelham àquelas vividas pelos haitianos.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

CALDART, R. S., PEREIRA, I. B., ALENTEJANO, P. R., FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro / São Paulo: Expressão Popular, 2012.

DIESEL, V., NEUMANN, P. S., SÁ, V. C. (Orgs.). **Extensão Rural no contexto do pluralismo institucional**: reflexões a partir dos serviços de Ates aos assentamentos da reforma agrária do RS. Ijuí: Unijuí, 2012.

DIESEL, V., HAAS, J. M. Transições metodológicas: atuação extensionista na elaboração dos PDA e PRA na Ates do RS. In: DIESEL, V.; NEUMANN, P. S.; SÁ, V. C. (Org.). **Extensão rural no contexto do pluralismo institucional**: reflexões a partir dos serviços de ATES aos assentamentos da reforma agrária no RS. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1971.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

INCRA. **Referencias Metodológicas para o Programa de ATES**. Brasília: INCRA, 2010.

INCRA. **Manual Operacional de ATES**. Brasília: INCRA, 2008.

JAMES, C. L. R. **Os Jacobinos Negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2000.

SEN, A. (2000). **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Cia das Letras.

SILVEIRA, P. R., DIESEL, V. **Metodologias Participativas**. Cartilha didática do Curso de Graduação Tecnológica EAD em Agricultura Familiar e Sustentabilidade. Santa Maria: UAB/UFSM, 2008.